



«MESMO SE EU  
TIVESSE NA CONSCIÊNCIA  
TODOS OS PECADOS...»

Retiro online Quaresma 2025 - Teresa de Lisieux e o Mistério Pascal

## Evangelho de Jesus Cristo segundo São Lucas (Lc 15,11-32)

*Jesus disse ainda: «Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: “Pai, dá-me a parte do património que me toca”. O pai repartiu entre eles os seus bens. Poucos dias depois, o filho mais novo juntou tudo e partiu para uma região distante e por lá esbanjou o seu património numa vida dissoluta. Depois de ter gasto tudo, surgiu uma grande fome naquela região e ele começou a passar privações. Foi-se pôr, então, ao serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar porcos. Bem desejava ele matar a fome com as alfarrobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. Então, caindo em si, disse: “Quantos assalariados de meu pai têm pão em abundância e eu aqui a morrer de fome! Vou levantar-me, vou ter com meu pai e dizer-lhe: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti! Já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus assalariados’”. Levantou-se, então, e foi ter com o pai. Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: compadeceu-se profundamente e foi a correr ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. Disse-lhe o filho: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho”. Mas o pai disse aos seus servos: “Trazei depressa a melhor veste e vesti-lha; dai-lhe um anel para pôr no dedo e sandálias para pôr nos pés; trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos comer e festejar, porque este meu filho estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado”. E começaram a festejar. Ora, o seu filho mais velho estava no campo. Quando voltou e se aproximou da casa, ouviu músicas e danças. Chamou, então, um dos servos e procurou saber o que era aquilo. Ele disse-lhe: “O teu irmão voltou, e o teu pai matou o vitelo gordo, porque o recebeu de volta são e salvo”. Ele ficou irado e não queria entrar. Então o pai saiu e suplicava-lhe que entrasse. Mas ele respondeu ao pai: “Há tantos anos que te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas, quando veio esse teu filho, que devorou os teus bens com prostitutas, mataste-lhe o vitelo gordo”. Disse-lhe o pai: “Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu; mas era necessário festejar e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado”».*

Bibliografia: Jean-Noël ALETTI, L'Évangile selon saint Luc. Commentaire, Lessius, 2022 ;

Notas da T.O.B. :Jean CLAPIER, «Aimer jusqu'à mourir d'amour» Thérèse et le mystère pascal, cerf, 2003 ; Guy GAUCHER, Sainte Thérèse de Lisieux (1873-1897), cerf, 2010 ; Les mots de Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus. Concordance, cerf, 1996 ; SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE, Obras Completas, Edições Carmelo, 1996.

Quaresma 2025 - Teresa de Lisieux e o Mistério Pascal

©Ordem dos Carmelitas Descalços



# A infinita misericórdia de Deus e o Seu amor incondicional

Sobre este Evangelho, um grande escritor francês, Charles Péguy, dizia: «Se todos os exemplares do Evangelho do mundo tivessem de ser destruídos, seria necessário que pelo menos se guardasse uma página - a que relata a parábola do filho pródigo - para, por ela, se compreender finalmente quem é Deus: este Pai que vela, espera, abre os Seus braços e perdoa...»

Se alguém pedir para falarmos do Deus em Quem acreditamos, a Quem amamos, utilizando uma imagem - que é sempre mais esclarecedora do que as ideias abstratas - o Evangelho deste domingo é essa imagem! De facto, vemos nesta parábola, dita do filho pródigo, exclusiva do Evangelista Lucas, uma personagem que dá uma «justa imagem» do nosso Deus (há muitas imagens más de Deus que circulam na nossa cultura). Claro que é apenas uma imagem: o nosso Deus não Se reduz a uma imagem!

É a imagem de um homem misericordioso, mas de uma misericórdia que ultrapassa tudo o que possamos imaginar. O homem que tinha dois filhos! Observemo-lo em três momentos da narrativa. Primeiro quando o filho mais novo lhe pede a sua parte na herança. O texto diz, laconicamente, «O pai repartiu entre eles os seus bens». Temos de perceber que o consentimento do pai é notável. Pedir ao pai a sua parte da herança, não é certamente nada inaudito: o filho mais novo tem direito a ela; no entanto, aqui, pode ser interpretado como uma falta de respeito. Note-se que mais adiante no texto, o filho reconhecerá que pecou contra o pai embora a natureza da falta não seja explicitada.

Seguidamente, vejamos como foi o regresso do jovem filho à casa do pai. «Ainda ele estava longe, quando o pai o viu: compadeceu-se profundamente e foi a correr ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos». Esta atitude é extraordinária, no mundo oriental! Este pai não se preocupa nem por um instante com a sua dignidade de homem respeitável e idoso e corre como se fosse um jovem, quase podíamos dizer, como uma criança, tal é o seu movimento de espontaneidade, sem calculismos nem segundas intenções. Beija-o como faria uma mãe que reencontrasse um filho querido depois de uma longa separação. E depois ordena que se faça uma festa! Toda a tristeza que o filho mais novo lhe tinha causado, pela sua exigência e pela partida para longe, como que se esfumou! Raramente vemos isto na vida real... Não há uma queixa, uma condenação, nenhuma reprimenda. Nada mais do que a alegria da vida reencontrada! Que grande lição para nós!...

Por fim, reparemos no diálogo com o filho mais velho, encolerizado, cheio de despeito e ciúmes. É o pai que dá o primeiro passo: sai, vai ao seu encontro, ao encontro do filho que não quer entrar, e explica-lhe, simplesmente, sem lhe contradizer os argumentos, porque é necessário alegrar-se com o regresso do seu jovem irmão: “Era necessário festejar e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida”. O essencial está aqui: «Este teu irmão estava morto e voltou à vida». Não é a vida o bem mais precioso que alguma vez recebemos? Este pai é um homem extraordinário! É ele o herói da parábola.

Que nos ensina este pai? Que não há nada mais importante do que a misericórdia: nada mais que o amor sem limites e incondicional! Que seria do nosso mundo sem a ternura, sem o perdão, sem o amor? Seria um inferno!

Gostamos muito desta parábola: contribui para nos fortalecer a fé num Deus misericordioso. Este pai exerce misericórdia sobre os dois filhos - e não interessa qual dos dois nos parece mais



próximo; escutemos o seu ensinamento. Deus dá sempre o primeiro passo na nossa direção; o segundo passo cabe-nos a nós e, desde que o demos, tudo pode mudar para melhor.

No Evangelho deste domingo, a parábola não se centra sobre a conversão do filho mais novo, conversão essa que talvez não seja completamente autêntica, visto que ele decide regressar para o pai quando está em grande aflição, mas sobre o amor incondicional do pai - figura de Deus Pai. Aos olhos do filho mais velho o pai da parábola parece tudo perdoar ao mais novo: é isto que ele acha injusto. Não é uma história verídica, mas uma parábola em que Jesus quer ensinar aos fariseus e aos escribas, que não compreendem o acolhimento que Ele oferece aos publicanos e aos pecadores, que a Sua missão é dar a conhecer aos homens a infinita misericórdia de Deus, mensagem que Teresa compreendeu, aceitou e transmitiu muito bem!

## «Jesus, pelos pecadores, rezarei sem cessar»

«Mesmo que tivesse na minha consciência todos os pecados que se possam cometer, eu iria, com o coração despedaçado de arrependimento, lançar-me nos braços de Jesus, pois sei quanto ama o filho pródigo que para Ele volta», diz Teresa no último parágrafo do Manuscrito C (36r<sup>o</sup>), que escreve a lápis no início do mês de julho de 1897, poucos meses antes da morte. Teresa manifesta aqui a sua certeza da misericórdia de Deus. Esta certeza, já a tem há muito tempo. Recordemos que, depois da graça de Natal de 1886, a que ela chamou «a minha completa conversão» (Manuscrito A 45r<sup>o</sup>), Teresa tem um grande desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores. Conta-nos:

*«Um Domingo, contemplando uma estampa de Nosso Senhor na Cruz, fiquei impressionada com o sangue que caía de uma das suas mãos divinas. Senti uma enorme pena, ao pensar que esse sangue caía na Terra, sem que ninguém se apressasse a recolhê-lo e resolvi manter-me em espírito ao pé da cruz para receber o Divino orvalho que dela escorria, compreendendo que, seguidamente, seria necessário espalhá-lo sobre as almas... O grito de Jesus na cruz: «Tenho sede!» ressoava também continuamente no meu coração. Estas palavras acendiam em mim um ardor desconhecido e muito vivo... Queria dar de beber ao meu Bem-Amado e sentia-me, eu mesma, devorada pela sede de almas... não eram ainda as almas dos sacerdotes que me atraíam, mas as dos grandes pecadores; ardia no desejo de as arrancar às chamas eternas... (...) Ouvi falar de um grande criminoso que acabava de ser condenado à morte, por crimes horríveis. Tudo levava a crer que morreria impenitente. Quis a todo o custo impedi-lo de cair no Inferno.» (Manuscrito A 45v<sup>o</sup>)*

Teresa pede a Celina que mande celebrar uma Missa pelas suas intenções e vê-se obrigada a contar-lhe tudo. Celina não troça a dela: leva o caso a sério. Então Teresa fica completamente convencida de que Deus vai responder às suas orações. Conta ela, falando do bom Deus:

*«Estava bem certa de que Ele perdoaria ao pobre infeliz Pranzini, e que o acreditaria mesmo que ele não se confessasse e não mostrasse nenhum sinal de arrependimento - tanta confiança eu tinha na misericórdia infinita de Jesus! - Mas que Lhe pedia apenas «um sinal» de arrependimento, (...) para minha consolação... A minha oração foi atendida a letra!» (Manuscrito A 46r<sup>o</sup>)*

Assim Teresa torna-se apóstola da misericórdia infinita de Jesus. Considera-se, sem o dizer desta forma, como uma medianeira entre os pecadores e Jesus.

*«Era uma verdadeira permuta de amor: às almas eu dava o sangue de Jesus; a Jesus oferecia essas mesmas almas, refrescadas pelo seu orvalho Divino; parecia-me assim dessedentá-l'Os, e quanto mais Lhe dava de beber, mais aumentava a sede da minha pobre alminha; e era esta sede ardente que Ele me dava como a mais deliciosa bebida do seu amor...» (Manuscrito A 46v<sup>o</sup>).*



Compreendemos melhor ao ler estas linhas porque é que ela chama «uma corrida de gigante» ao percurso da sua vida espiritual a partir da graça do Natal. O tema da misericórdia é central em todos os escritos de Teresa.

Um exemplo entre muitos outros, é este excerto da estrofe 16 da Poesia 24 «Jesus, meu Bem Amado, lembra-Te!»

*«Quando um pecador para Ti ergue os olhos  
Ah! Quero aumentar esta grande alegria  
Jesus, pelos pecadores, rezarei sem cessar  
Porque vim ao Carmelo  
Para povoar o teu Céu  
Lembra-Te...»*

No início do Manuscrito A (2r<sup>o</sup>), escreve estas palavras: «...Não vou fazer senão uma coisa: começar a cantar o que deverei repetir eternamente: As misericórdias do Senhor!!!... Nas últimas páginas desta autobiografia espiritual, redigidas no fim do ano de 1895, escreve:

*«Ah! O Deus infinitamente justo que se dignou perdoar com tanta bondade os pecados do filho pródigo, não deverá ser justo também para comigo que “estou sempre com Ele?...” Este ano, no dia 9 de Junho, festa da Santíssima Trindade, recebi a graça de compreender mais do que nunca quanto Jesus deseja ser amado. Pensei nas almas que se oferecem como vítimas à Justiça de Deus a fim de desviarem e de atraírem sobre elas os castigos reservados aos culpados. Este oferecimento parecia-me belo e generoso, mas estava longe de me sentir impelida a fazê-lo. “Ó meu Deus! - exclamei do fundo do meu coração - será apenas a vossa Justiça a receber almas que se imolam como vítimas?... Não tem também necessidade delas o vosso Amor Misericordioso? Em toda a parte é desconhecido e rejeitado. (...) Estou convencida de que se encontrásseis almas que se oferecessem como Vítimas de holocausto ao vosso Amor, Vós as consumiríeis rapidamente. Creio que ficaríeis contente por não reprimir as ondas de infinita ternura que há em Vós... Se a vossa Justiça, que apenas se estende sobre a Terra, gosta de se aliviar, quanto mais não desejará o vosso Amor Misericordioso abrasar as almas, pois a vossa Misericórdia eleva-se até aos Céus... Ó meu Jesus! Que seja eu essa feliz vítima! Consumi o vosso holocausto com o fogo do vosso Divino Amor!..” (Manuscrito A 84r<sup>o</sup>).*

Foi nesse dia, 9 de junho de 1895, que, por uma graça especial, Teresa fez o seu oferecimento sem fórmula, em poucas palavras, durante a Missa da Santíssima Trindade. O Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso foi redigido dias depois, com autorização da priora, a Madre Inês, para que também outras Irmãs se pudessem oferecer.

Neste domingo Laetare (domingo da Alegria), voltemos ao final do Evangelho: «Era necessário festejar e alegrarmo-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado!» O último versículo do Evangelho deste domingo, demonstra muito claramente que o nosso Deus ama o pecador, o pecador que se arrepende verdadeiramente quando compreende o poder desse Amor. Teresa foi na Terra, e continua a ser no Céu, um apóstolo fervoroso da Misericórdia de Deus. Que ela interceda por todos os filhos pródigos do nosso tempo, para que possam tornar a viver na alegria!

Frei Robert Arcas,  
ocd (convento d'Avon)



### Segunda-feira, 31 de março: Manter a coragem

«Ah! Meu querido irmãozinho, desde que me foi dado compreender também o amor do Coração de Jesus, garanto-lhe que ele afastou do meu coração todo o temor». (Cta 247, 1vº)

«No amor não há temor; pelo contrário, o perfeito amor lança fora o temor». (1Jo 4,18)

Mesmo se tenho dúvidas, mesmo se estou frágil, em oração e no meu coração abandono-me à Sua santa vontade.



### Terça-feira, 1 de abril: Recolher o Seu amor transbordante

«...O vaso da misericórdia Divina transbordou sobre mim!...» (Cta 230 vº)

«Bendito seja Deus (...) que na sua grande misericórdia nos gerou de novo». (1P 1,3)

Como me alimento espiritualmente? O meu estilo de vida é adequado aos meus desejos espirituais?

### Quarta-feira, 2 de abril: Contemplar a Criação

«Deu-me a sua Misericórdia infinita, e é através dela que contemplo e adoro as demais perfeições Divinas». (Ms A 83vº)

«Aproximemo-nos, então com grande confiança do trono da graça a fim de alcançar misericórdia e encontrar graça para uma ajuda oportuna». (Heb 4,16)

Para dar graças, tanto posso aprender a contemplar a Criação na natureza, como no silêncio...



### Quinta-feira, 3 de abril: Contar com o Amor do Pai

«Deus sente compaixão de quem entende e usa de misericórdia com quem quer usar de misericórdia». (Ms A 2rº)

«Vós que temeis o Senhor, esperai na Sua misericórdia.» (Sir 2,7)

Relendo a parábola do filho pródigo, aprendo a deixar-me amar pelo Pai.

### Sexta-feira, 4 de abril: Orar pelas almas

«...Há almas que a sua misericórdia não Se cansa de esperar... ». (Ms C 21rº)

«Deus encerrou a todos na desobediência, para com todos usar de misericórdia». (Rm 11,32)

Tal como Teresa, confio a Deus uma pessoa que me toca particularmente, pela salvação da sua alma.



### Sábado, 5 de abril: Amar Jesus

«Ó Jesus! (...) Sinto que, se por um impossível, encontrasses uma alma mais débil, mais fraca do que a minha, deleitar-Te-ias a cumulá-la de favores ainda maiores, se ela se abandonasse com inteira confiança à tua misericórdia infinita». (Ms B 5vº)

«A sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que O temem». (Lc 1,50)

Medito sobre o Ato de Oferecimento ao Amor Misericordioso de Santa Teresinha. Que ressonâncias encontro deste oferecimento na minha vida?